

O USO DAS REDES SOCIAIS PELOS IMIGRANTES VENEZUELANOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DOS VENEZUELANOS RESIDENTES NA REGIÃO METROPOLITANA DE GOIÂNIA

THE USE OF SOCIAL NETWORKS BY VENEZUELAN IMMIGRANTS: AN ANALYSIS FROM VENEZUELAN RESIDENT IN THE METROPOLITAN REGION OF GOIÂNIA

Felipe Aquino Domiciano 1
Wátila de Moura Sousa 2

Resumo: *Dados estatísticos revelam que no mundo, até dezembro 2024, havia mais de 7.891.241 imigrantes venezuelanos, sendo que 626.900 no Brasil e, desse total, 4.684 residentes no Estado de Goiás, constituindo 1.111 em Goiânia, 334 em Aparecida de Goiânia e 87 em Senador Canedo, cidades estas que compõem a Região Metropolitana de Goiânia (RMG). Assim, o presente artigo se propõe analisar se as redes sociais migratórias influenciam na ida de imigrantes venezuelanos à RMG e, caso positivo, para quais finalidades. Participaram do estudo 127 venezuelanos, dentre os quais 93 afirmam que se deslocaram à RMG em virtude das redes sociais migratórias, sendo estas formadas, preponderantemente, por familiares de origem venezuelana, atraídos principalmente pela oferta de emprego, cujo vínculo se operava predominantemente pelo celular, permitindo concluir que as redes sociais migratórias são importantes para o fluxo de imigrantes venezuelanos em direção à RMG, sobretudo para se conseguir um emprego.*

Palavras-chave: *Redes Sociais Migratórias. Migração Venezuelana. Mobilidade. Venezuela.*

Abstract: *Statistical data reveal that in the world, as of December 2024, there were more than 7,891,241 Venezuelan immigrants, of which 626,900 were in Brazil and, of this total, 4,684 resided in the State of Goiás, constituting 1,111 in Goiânia, 334 in Aparecida de Goiânia and 87 in Senador Canedo, cities that make up the Metropolitan Region of Goiânia (RMG). Thus, this article proposes to analyze whether migratory social networks influence the departure of Venezuelan immigrants to the RMG and, if so, for what purposes. 127 Venezuelans participated in the study, of which 93 stated that they moved to the RMG due to migratory social networks, which were predominantly formed by family members of Venezuelan origin, attracted mainly by the job offer, whose connection was predominantly operated via cell phone, allowing us to conclude that migratory social networks are important for the flow of Venezuelan immigrants towards the RMG, especially to get a job.*

Keywords: *Migratory Social Networks. Venezuelan Migration. Mobility. Venezuela.*

-
- 1 Mestre em Direitos Humanos pela Universidade Federal de Goiás (UFG) e graduado em Direito pela Universidade Salgado de Oliveira (Univero). Atualmente é advogado. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4733217057906790>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9588-6649>. E-mail: felipeaquino@discente.ufg.br
 - 2 Doutor e Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Graduado em Fisioterapia pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás). É docente da Universidade Federal de Jataí (UFJ). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3360449775030988>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9253-1068>. E-mail: watilams@ufj.br

Introdução

É comum encontrar na literatura informações de que as “redes” são subespécie composta por um gênero denominado de comunicação, do subgênero informação e da espécie tecnologia (Castells, 2013; Albuquerque, 2014). Partindo dessa premissa, a subespécie “rede” traz consigo três variedades, dentre elas as “redes sociais migratórias”, conceituadas como vínculos constituídos por relações entre familiares, amigos, conhecidos e/ou organizações/instituições sociais, compostas por indivíduos que vivem no exterior como migrantes internacionais (Massey *et al.*, 1990). Além disso, as redes sociais migratórias se distinguem dos sites de redes sociais, pois esses são ferramentas utilizadas por àqueles para se promoverem e interagirem com o seu público-alvo (Cogo, 2015).

Castells (2013), ao estudar as formas de contestar o poder em um cenário de “aflição econômica, cinismo político, vazio cultural e desesperança pessoal”, percebeu que a utilização das redes sociais em sites de redes sociais, em especial o Facebook, pode ser uma forma de contestar o poder, visto que as informações circulam de forma rápida e dinâmica, sendo cada perfil um lugar de fala dentro do contexto social que está inserido. Por outro lado, as redes sociais podem gerar polifonias hiper conectadas constantes (Albuquerque, 2014).

Nessa perspectiva, Cogo (2015), ao estudar o fenômeno do movimento migratório de “(...) norte-americanos, espanhóis, portugueses, senegaleses, haitianos, bolivianos, etc.” que saíram de seus países em direção ao Brasil a partir dos anos de 2008, sendo o seu recorte de pesquisa o período de 2012-2013, percebeu que os mesmos utilizavam as redes sociais, em especial o Facebook®, visando expor as próprias singularidades das experiências migratórias, mas não contemplou a população migrante venezuelana.

No contexto venezuelano, as violações de direitos humanos são consequências das instabilidades políticas e econômicas evidenciadas, principalmente, a partir de 2013, exemplificada com a morte do ex-presidente Hugo Chávez, na eleição de Nicolás Maduro, na alta do preço do barril de petróleo, hiperinflação, falta do petróleo e de insumos básicos de sobrevivência (ONU, 2020). A população, desde então, sobrevive em meio a uma crise social marcada pela violência, desemprego, fome e miséria (Silva, 2018). Diante das crises políticas e econômicas que assolam a Venezuela desde o ano de 2013 e agravada em 2017 com a eleição do presidente Nicolás Maduro, milhares de venezuelanos têm deixado o seu país de origem em direção ao Brasil pela fronteira de Pacaraima, localizada no Estado de Roraima, em busca de sobrevivência (Sousa; Silveira, 2018).

Dados divulgados pela Plataforma R4v, mantida pela Organização das Nações Unidas (ONU), revelam que até dezembro de 2024 havia 7.891.241 venezuelanos deslocados no mundo. Desse total, dados disponibilizados pelo Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra), em parceria com Organização Internacional para a Migração (OIM) e com o Ministério da Justiça e Segurança Pública (MJSP), revelam que, entre janeiro de 2017 e dezembro de 2024, 1.028.634 venezuelanos entraram no Brasil e 626.900 permaneceram. Em complemento, dados divulgados pela Estratégia de Interiorização, mantida pela Operação Acolhida, revelam que entre abril de 2018 e dezembro de 2024 foram interiorizados 4.684 venezuelanos no estado de Goiás, sendo 1.111 em Goiânia, 334 em Aparecida de Goiânia e 87 em Senador Canedo (Brasil, 2024).

Sendo assim, o objetivo do presente artigo é analisar se a população migrante venezuelana, residente na Região Metropolitana de Goiânia (RMG)¹, utiliza as redes sociais migratórias durante o processo migratório e, caso positivo, para quais finalidades.

O artigo explora as motivações para a migração, o papel das redes na troca de informações e as finalidades da utilização dessas redes. Com base em uma metodologia quanti-qualitativa, o estudo apresenta resultados de questionários aplicados a migrantes venezuelanos na RMG, revelando a importância das redes sociais migratórias na busca por emprego e na adaptação à nova realidade.

¹ A RGM, vulgarmente conhecida como “Grande Goiânia”, foi criada pela Lei Complementar Estadual nº 027, de 30 de dezembro de 1999, visando integrar a organização, o planejamento e a execução de funções públicas de interesse comum, sendo constituída pelos municípios de Goiânia, Abadia de Goiás, Aparecida de Goiânia, Aragoiânia, Bela Vista de Goiás, Bonfinópolis, Brazabrantes, Caldazinha, Caturai, Goianópolis, Goianira, Guapó, Hidrolândia, Inhumas, Nerópolis, Nova Veneza, Santo Antônio de Goiás, Senador Canedo, Teresópolis de Goiás e Trindade. Para fins deste trabalho, entende-se por RMG a junção dos municípios de Aparecida de Goiânia, Goiânia e Senador Canedo, todos localizados no Estado de Goiás.

Os resultados são comparados com dados de outros estudos sobre migração, contextualizando o fenômeno migratório venezuelano e a influência das redes sociais nesse processo.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa de natureza aplicada, de caráter quanti-qualitativo, com procedimento bibliográfico e documental, cujos dados foram coletados entre os dias 18/12/2021 e 15/05/2022, ainda em período de pandemia da COVID-19, via questionário, composta por 88 perguntas divididas em quatro módulos, com perguntas de múltipla escolha e respostas curtas.

O primeiro módulo objetivou identificar e individualizar o entrevistado, coletando informações pessoais como nome e telefone para eventuais contatos decorrentes desta pesquisa. O segundo módulo tratou de características sociodemográficas, como identidade, composição familiar, renda e escolaridade. O terceiro módulo apresentou informações sobre o fluxo migratório da Venezuela à Goiás; deslocamentos urbanos em Goiânia; e pretensões migratórias futuras. As entrevistas foram aplicadas em três momentos, a saber: em ações sociais, abordagens aleatórias nas ruas das cidades e através de encaminhamento feito pelo Centro Redentorista de Apoio ao Imigrante (CRAI) e Associação de Voluntários para o Serviço Internacional (AVSI). A fim de garantir acessibilidade dos entrevistados na pesquisa, o questionário foi aplicado em português e espanhol.

Os critérios de inclusão foram: a) venezuelanos com idade igual ou superior a 18 anos na data da entrevista, b) residentes da Região Metropolitana de Goiânia, com período de início da residência entre os anos de 2017 e 2021, c) que aceitaram participar da entrevista, e d) que assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido. Por vez, foram excluídos da pesquisa venezuelanos que: a) não apresentavam o cognitivo preservado, b) que possuíam distúrbios na fala ou audição, c) indígenas, e d) que recusaram utilizar máscara de proteção facial e/ou álcool em gel.

A análise dos dados seguiu as diretrizes propostas por Minayo (2012), através da realização de três passos, a saber: I. Ordenação dos dados: caracterizada pela transcrição, releitura e organização das respostas; II. Classificação dos dados: realização de leitura exauriente da bibliografia selecionada, unificação das respostas, discriminação das unidades de significado e seleção dos dados mais importantes; e III. Análise final e elaboração de categorias analíticas: entregará a análise realizada pelo pesquisador, contidos em todas as unidades de significados. Com relação aos dados estatísticos, estes foram copiados para o programa *Excel*, licenciado pela *Microsoft Office Excel*® e os resultados representados por meio de frequência absoluta (n) e frequência relativa (%).

Em atenção às normas regulamentadoras de pesquisas que envolvem seres humanos, o presente estudo passou sob o crivo do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Goiás (UFG) e foi aprovado, sem ressalvas, em 14 de dezembro de 2021, sob o Parecer nº 5.163.812 CAEE: 53233021.2.0000.5083.

Resultados

Participaram do estudo 127 venezuelanos residentes nas cidades de Goiânia (68), Aparecida de Goiânia (35) e Senador Canedo (24), todas pertencentes ao Estado de Goiás, com predominância do sexo feminino (78), faixa etária entre 18 e 40 anos (96), estado civil solteiro (73), com ensino médio completo (36) e não estudantes (122).

Conforme descrito no Quadro 1, os resultados revelam que dos 127 venezuelanos entrevistados 93 afirmam que se deslocaram à região metropolitana de Goiânia em virtude das redes sociais migratórias, sendo estas formadas preponderantemente por familiares também de origem venezuelana, atraídos principalmente pela oferta de emprego, seguido pela qualidade de vida, cujo vínculo se operava predominantemente pelo celular.

Quadro 1. As redes sociais migratórias na migração venezuelana para o Brasil

Você foi incentivado a vir ao Brasil?	n.	%
Sim	93	73,23
Não	34	26,77
Total	127	100,00
Por quem?		
Familiares	62	66,67
Amigos	19	20,43
Familiares, Amigos	6	6,45
Conhecidos	4	4,30
Familiares, ONG's	1	1,08
ONG's	1	1,08
Total	93	100,00
Qual era a nacionalidade dessa pessoa?		
Venezuelano	89	95,70
Brasileiro	4	4,30
Total	93	100,00
Como era(m) esse(s) incentivo(s)?		
Emprego	35	37,63
Emprego, Qualidade de Vida	28	30,11
Qualidade de vida	21	22,58
Morar com familiares	6	6,45
Assistencialismo Governamental	1	1,08
Atendimento médico	1	1,08
Qualidade de vida, Saúde	1	1,08
Total	93	100,00
Por qual meio os incentivos se concretizavam?		
Celular	87	95,60
Pessoalmente	4	4,40
Total	93	100,00

Legenda: n.: número; %: porcentagem.

Fonte: banco de dados do autor (2024).

Discussão

Em uma perspectiva global, Arendt (2012) argumenta que os regimes totalitários desumanizam os indivíduos, privando-os de seus direitos básicos e da capacidade de agir livremente, fomentando sentimentos de fuga. Em uma análise regional, inúmeros são os direitos humanos violados no contexto venezuelano, como saúde, alimentação, segurança e vida, forçando-os a migrar (Zamora, 2020; Milesi, Coury; Rovey, 2018; Silva, 2021).

Nessa perspectiva, a migração venezuelana para o Brasil, intensificada a partir de 2014,

configura um dos maiores desafios humanitários e políticos da América Latina (Carvalho; Oliveira; Silva, 2019). Estima-se que mais de 7 milhões de venezuelanos deixaram seu país, dos quais cerca de 600 mil residem no Brasil (OBMigra, 2024). Esse fluxo migratório demandou uma resposta articulada entre o governo brasileiro, organizações internacionais e a sociedade civil, resultando em iniciativas como a Operação Acolhida, que visa oferecer assistência humanitária e promover a interiorização dos migrantes para diferentes regiões do país (Brasil, 2024).

Essa migração coloca à prova a capacidade do Estado brasileiro em garantir os direitos humanos e fortalecer a democracia, em um contexto de crescente polarização política e econômica, fomentada, principalmente, pela globalização e desigualdade (Sassen, 1991). Exemplos mais diversos podem ser citados, como dificuldades de acesso à documentação, xenofobia e discriminação, exploração laboral, dentre outros. Como alternativa, Habermas *et al.* (1981) defendem a participação ativa dos cidadãos na vida política, através do diálogo e da argumentação racional. Essa perspectiva é crucial para pensar como a sociedade brasileira pode integrar os migrantes venezuelanos de forma justa e inclusiva, promovendo o debate público sobre o tema e a busca por soluções conjuntas (Carvalho; Oliveira; Silva, 2019; Zamora, 2020).

Mas é importante ressaltar que a fronteira terrestre não é apenas um lugar de passagem de pessoas, mas também de permuta de bens simbólicos e materiais. Para Melo (2004), a fronteira material está ligada ao espaço em si, ou seja, na disputa do capitalismo e dominação política; por outro lado, a fronteira simbólica é associada às histórias e objetivos pessoais. Por vez, Silva (2015) afirma que a fronteira terrestre pode ser concebida a partir da perspectiva geopolítica e cultural, pois enquanto a fronteira geopolítica é lugar de passagem de pessoas e de controle pelo Estado, sendo possível classificá-las entre desejáveis e indesejáveis, a fronteira simbólica é fomentada pelas redes de informações e caracterizada pela troca de identidade entre migrantes e nacionais.

Especialmente na fronteira Brasil-Venezuela, Rodrigues (2006) relata que a expansão de tecnologias de transportes e comunicação vem, desde então, impulsionando o fluxo de pessoas (turistas, imigrantes e moradores transfronteiriços), mercadorias (legais e ilegais) e símbolos culturais (bilinguismo eportunhol), possibilitando que as fronteiras sejam um lugar de controle ou de transgressão, uma vez que nos terrenos das trocas materiais e simbólicas se confrontam indivíduos e culturas muito diferentes.

A partir literatura é possível aferir que as redes sociais migratórias são constituídas com o objetivo de amenizar os impactos e controvérsias da adaptação social e humana frente ao processo migratório, como os costumes locais, valores morais, ausência de emprego, moradia e alimentação (Massey *et al.*, 1990). Em complemento, Pasqua e Molin (2009) argumentam que os imigrantes contam com as redes sociais migratórias ao chegarem ao país de destino para acessar recursos, encontrar um emprego e iniciar o processo de incorporação. Nesse sentido, o estudo publicado por Cogo (2015) concluiu que imigrantes oriundos de países portugueses, espanhóis e haitianos valem-se das redes sociais migratórias como alternativa para a permanência e adaptação no Brasil.

Nessa perspectiva, os resultados acima permitem afirmar que as redes sociais migratórias influenciam no processo migratório venezuelano à RMG e facilitam a troca de informações materiais e simbólicas. Ao comparar os resultados deste estudo com o estudo de Castro (2016) é possível vislumbrar que o comportamento da população migrante venezuelana, no que diz respeito a influência das redes sociais migratórias, é mais acentuado.

No estudo de Castro (2016), que analisou a migração à Europa, constatou-se que entrevistados relataram ter sido influenciados por redes sociais migratórias em sua decisão de migrar, cuja rede é formada preponderantemente por familiares, se assemelhando ao presente estudo, com migrantes venezuelanos na RMG. Essa similaridade sugere que a influência das redes sociais migratórias no processo migratório venezuelano é mais equivalente, o que pode ser explicado por diversos fatores, como a intensidade da crise na Venezuela, a proximidade geográfica com o Brasil e a existência de uma grande comunidade venezuelana na RMG, que atua como um fator de atração para novos migrantes.

No que tange a classificação das redes sociais migratórias, Tilly (1990) argumenta que as mesmas podem ser classificadas como homogêneas (familiares), heterogêneas (amigos e conhecidos) ou mistas (familiares, amigos, conhecidos ou entre organizações/instituições sociais). No contexto da migração venezuelana em direção à RMG, a partir da classificação proposta por Tilly

(1990), é possível vislumbrar as redes sociais migratórias são predominantemente homogêneas, no entanto, a existência de redes mistas, conforme se verifica nos resultados, demonstra que os migrantes venezuelanos também estabelecem conexões com pessoas fora do seu círculo familiar, expandindo suas redes de contato e acessando diferentes tipos de recursos e informações. Essa combinação de redes homogêneas e mistas contribui para a adaptação e integração dos migrantes venezuelanos na RMG, ao mesmo tempo em que preserva os laços familiares e promove a interação com a comunidade local.

Campos (2015) ressalta em seu artigo que não podemos afirmar que nas redes sociais perpassam todos os movimentos migratórios, tese esta que também vai ao encontro dos resultados obtidos neste artigo, visto que dos 127 venezuelanos entrevistados 34 afirmaram que não migraram para a RMG em decorrência das mesmas. Essa constatação reforça a importância de compreender a complexidade e a multicausalidade dos fenômenos migratórios, que são influenciados por uma gama de fatores — econômicos, sociais, políticos e culturais.

Por outro lado, Fazito (2002) e Burt (1992) permitem afirmar que a formação das redes sociais migratórias tem como pré-requisito a ocorrência da rede migratória propriamente dita, ou seja, que um nacional migre para outro país e que gere vínculos para que, posteriormente, possa provocar a interação entre familiares, amigos e conhecidos residentes no país de origem e, conseqüentemente, iniciar as redes sociais migratórias. Nessa vertente, cabe ressaltar que o presente estudo se limita a análise das redes sociais migratórias.

Lima (2020) ressalta que apesar de as redes sociais migratórias terem o objetivo aproximar as pessoas que estão separadas por uma fronteira geopolítica, elas não estão isentas de conflitos pessoais, como o reencontro de familiares, amigos ou conhecidos tidos como rivais, ou de identidade, como o surgimento do “*intermarriage*”, fenômeno pelo qual pessoas de nacionalidade, raça e classes distintas se contraem em matrimônio (casamento binacional). Além dos conflitos pessoais e de identidade, Silva (2017) alerta que as redes sociais migratórias podem gerar conflitos interpessoais, como o tráfico internacional de seres humanos, no contexto das migrações laborais, já que o capital faz as pessoas migrarem e as tornam uma mercadoria negociável ou traficável.

Durante a coleta dos dados entrou-se em contato com o entrevistado 01² que alegou ser vítima de tráfico internacional de pessoas, além de encontrar-se em regime análogo ao de escravidão. De imediato foi solicitado o seu endereço, todavia o entrevistado não quis informar, pois tinha medo do patrão descobrir. Ainda no mesmo contato, foram solicitadas informações sobre a proposta de emprego, documentação, remuneração e condições que vivia. O entrevistado informou que recebeu uma proposta de trabalho no Brasil com salário de cinco mil reais por mês, além de hospedagem e alimentação, porém ao chegar no local em que trabalhava os documentos foram retidos pelo patrão, não tinha carteira assinada, que recebia apenas um salário-mínimo e que dormia no chão em meio aos ratos e baratas.

Durante a entrevista, o entrevistado informou ser católico, motivo pelo qual se entrou em contato com o CRAI, que é ligado à Igreja Católica, e o padre conseguiu agendar uma visita para o dia seguinte. Ao chegar no local, verificou-se que não estava sujo e que possuía cama, a geladeira estava cheia e o entrevistado de folga. Ao dialogar com o gerente da construtora, foi informado que o entrevistado havia solicitado demissão no dia anterior e que estavam providenciando a compra da passagem de volta à Venezuela. Uma semana após a visita, o entrevistado enviou uma foto ao padre informando que estava na Venezuela.

Esse caso ilustra a complexidade das redes sociais migratórias e a diversidade de interesses que motivam os migrantes. Conforme apontado por Silva (2017), as redes podem ser utilizadas para fins imediatos, como a busca por trabalho e moradia, e quando esses interesses não são satisfeitos, a migração pode se tornar frágil e levar ao insucesso. Nas hipóteses em que os interesses não são usufruídos instantaneamente, a migração torna-se fraca e fadada ao insucesso, como o Entrevistado 01, pois, a falsa proposta recebida na Venezuela poderia ser facilmente desmentida com um simples contato entre o entrevistado e seu futuro patrão antes mesmo de migrar ao Brasil. Contudo, é importante ressaltar que as redes sociais migratórias também podem ser utilizadas para alcançar objetivos a longo prazo, como a obtenção de residência permanente, a aquisição da nacionalidade e a adaptação à nova cultura.

² Entrevista realizada em 27 de dezembro de 2021.

A partir da tese de Silva (2017), indaga-se: uma vez em território brasileiro e sem se estabelecer adequadamente, as redes estariam fadadas ao fracasso? A resposta encontrada foi de Silva (2015), o qual argumentou que a partir do momento que o imigrante não acumula capital social, isto é, não se insere e/ou interage na sociedade de destino, informações importantes para alimentar as redes deixariam de ser adquiridas, como ofertas de emprego, aluguéis baratos, etc., e, conseqüentemente, de serem repassadas, comprometendo a confiança de pretensos migrantes no processo migratório e acarretando várias desistências. Nesse toar, Castells (2010) ressalta que as redes são contatos criados pelo fluxo de informação. Todavia, Cogo e Brignol, (2011) complementam que as redes não são isentas de interferências externas, como social, política e econômica, que podem impor limites à autonomia e acesso, além de causar a sua ruína.

Conclusão

Pode-se concluir que as redes sociais migratórias, no contexto migratório venezuelano em direção ao Brasil, contribuem para a chegada dos mesmos à RMG, os quais são incentivados, principalmente, pela oferta de emprego e qualidade de vida.

No contexto venezuelano verifica-se que o fluxo migratório é motivado por questões de sobrevivência e a ausência de estabilidade, o que demanda uma intervenção imediata do governo brasileiro com o objetivo de acolher e integrá-los na sociedade, o que dificilmente acontece. Assim, as redes sociais migratórias têm assumido esse papel, quer seja com o fornecimento de informações sobre emprego, qualidade de vida, moradia, atendimento médico, dentre outros, todavia sem capacidade financeira e estrutural para atender a todos.

Ao estudar sobre as redes sociais migratórias, os pretensos imigrantes se valem das redes para obter informações sobre vantagens e desvantagens, quer seja na oferta de empregos, moradia, dentre outros. Diante desse comportamento, é de saltar os olhos o papel ativo dos imigrantes na comunidade de destino como fomentadores de expectativas migratórias.

Agradecimentos

A presente pesquisa foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Referências

ALBUQUERQUE, A. S. **Cartografias de um sujeito hiperconectado**: ciberescritas instantâneas em dispositivos móveis. Orientadora: Inês Hennigen. 2014. 124 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/115061>. Acesso em 17 set. 2023.

ARENDR, H. **Origens do Totalitarismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BRASIL. Operação Acolhida. **Estratégia de interiorização**. Disponível em: <http://aplicacoes.mds.gov.br/snas/painel-interiorizacao/>. Acesso em: 20 dez. 2024.

BURT, R. S. **Structural holes**: the social structure of competition. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1992.

CARVALHO, M. S.; OLIVEIRA, M. J.; SILVA, E. C. Migração venezuelana no Brasil: desafios e perspectivas. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 36, n. 3, 2019

CASTELLS, M. **Comunicación y poder**. Madrid: Alianza Editorial, 2010.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança**: movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTRO, F. V. A influência das redes sociais na estruturação geográfica do projecto migratório. *In: Redes, Capital Humano e Geografias da Competitividade*. Portugal: Coimbra University Pres, 2016.

CAMPOS, M. B. A dimensão espacial das redes migratórias. **Revista Redes**, v. 20, n. 3, p. 14-30, 2015.

COGO, D. Internet e redes migratórias transnacionais: narrativas da diáspora sobre o Brasil como país de imigração. **Revista Novos Olhares**, v. 04, n. 01., 2015.

COGO, D.; BRIGNOL, L. D. Redes sociais e os estudos de recepção na internet. **Matrizes**, v. 4, n. 2, p. 75-92, 2011.

FAZITO, D. **Redes sociais e migrações internacionais**: um estudo comparativo entre Brasil e Itália. São Paulo: Cortez, 2002.

HABERMAS, J. *et al.* **Historia y crítica de la opinión pública**: la transformación estructural de la vida pública. Barcelona: Gustavo Gili, 1981.

LIMA, M. S. Redes sociais migratórias: aproximações e conflitos na era digital. **Revista Brasileira de Migrações Internacionais**, v. 8, n. 2, p. 149-168, 2020.

MASSEY, D. S. *et al.* The social organization of migration. *In: MASSEY, D. S. et al. Return to Aztlan: The Social Process of International Migration from Western Mexico*. Berkeley: University of California Press, p. 139-171, 1990.

MELO, J. L. B. Fronteiras: da linha imaginária ao campo de conflitos. **Revista Sociologias**, n. 11, 2004.

MILESI, R.; COURY, P.; ROVERY, J. Migração Venezuelana ao Brasil: discurso político e xenofobia no contexto atual. **Revista Aedos**, v. 10, n. 22, p. 53-70, 2018.

MINAYO, M. C. S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.

Observatório das Migrações Internacionais (OBMigra). **Migração Venezuelana de Janeiro 2017 – abril/2023**. Disponível em: https://brazil.iom.int/sites/g/files/tmzbd1496/files/documents/2023-05/informe_migracao-venezuelana_jan2017-abr2023.pdf. Acesso em: 20 dez. 2024.

Organização Internacional para as Migrações (OIM). **Comparativo das migrações venezuelanas**. Disponível em: https://brazil.iom.int/sites/g/files/tmzbd1496/files/documents/2023-05/informe_migracao-venezuelana_jan2017-abr2023.pdf. Acesso em: 01 fev. 2024.

Organização das Nações Unidas (ONU). **OIM inicia projeto para melhorar reintegração de migrantes brasileiros que voltam do exterior**. 2019. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/oim-inicia-projeto-para-melhorar-reintegracao-de-migrantes-brasileiros-que-voltam-do-exterior/>. Acesso em: 01 fev. 2024.

PASQUA, L. D; MOLIN, F. D. Algumas considerações sobre as consequências sociais e psicológicas do processo migratório. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 17, n. 32, 2009.

RODRIGUES, F. Migração transfronteiriça na Venezuela. **Estudos avançados**, v. 20, p. 197-207, 2006.

R4V. **Plataforma de Coordenação Interagencial para refugiados e migrantes da Venezuela**. 2023. Disponível em: <https://www.r4v.info/en/refugeeandmigrants>. Acesso em: 01 fev. 2024.

TILLY, C. Transplanted Networks. *In*: MCLAUGHLIN, Virginia (Org.). **Immigration Reconsidered: History, Sociology and Politics**. Nova York: Oxford University Press, p.79-95, 1990.

SASSEN, S. **A cidade global**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1991.

SILVA, I. “Bota fogo nesses vagabundos!”: entextualizações de xenofobia na trajetória textual de uma fake news. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 59, p. 2123-2161, 2021.

SILVA, S. A. D. Fronteira Amazônica: passagem obrigatória para haitianos?. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v. 23, p. 119-134, 2015.

SILVA, S. A. D. Imigração e redes de acolhimento: o caso dos haitianos no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 34, p. 99-117, 2017.

SILVA, J. C. J. Uma política migratória reativa e inadequada - a migração venezuelana para o Brasil e a Resolução nº 126 do Conselho Nacional de Imigração (CNIg). *In*: **Migrações sul-sul**. São Paulo: Unicamp, 2018.

SOARES, W. **DA METÁFORA À SUBSTÂNCIA: redes sociais, redes migratórias e migração nacional e internacional em Valadares e Ipatinga**. Orientadores: Roberto do Nascimento Rodrigues, Eduardo Luiz Gonçalves Rios Neto e José Alberto Magno de Carvalho. 2002. 360 f. Tese (doutorado em Demografia do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2002. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/FACE-5NGJ5E/1/weber_soares.pdf. Acesso em: 17 set. 2023.

SOUZA, A. R. SILVEIRA, M. C. P. O fluxo migratório de venezuelanos para o Brasil (2014-2018): análise do arcabouço jurídico brasileiro e da conjuntura interna venezuelana. **Brazilian Journal of Latin American Studies**, v. 17, n. 32, p. 114-132, 2018.

ZAMORA, J. A migração venezuelana como crise humanitária: desafios para a proteção dos direitos humanos. **Revista Brasileira de Direito Internacional**, v. 15, n. 2, p. 279-304, 2020.

Recebido em 09 de abril de 2024

Aceito em 03 de junho de 2024